

PAITROCÍNIO, TECNO-MACUMBA, MARIDOTECA: O COMPORTAMENTO DAS FORMAS COMBINATÓRIAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Carlos Alexandre GONÇALVES

Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/CNPq

RESUMO

Este trabalho focaliza dois importantes aspectos da morfologia do português. Em primeiro lugar, reivindica uma descrição apropriada para uma série de palavras que parecem figurar nos limites entre a afixação e a composição. Em segundo lugar, destaca a relevância que processos não-concatenativos apresentam na formação de novas palavras, já que constituem fonte para a criação de inúmeros elementos morfológicos com alguma recorrência no atual estágio da língua – as chamadas formas combinatórias (WARREN, 1990).

ABSTRACT

This work focuses on two important aspects of the Portuguese morphology. First, it claims to an appropriate description for the structure of words that appears at the boundary between affixation and compounding. Second, it shows the relevance of the non concatenative morphological processes, and its units, so called combining forms (WARREN, 1990), in the creation of new words nowadays.

PALAVRAS-CHAVE

Formas Combinatórias. Formação de Palavras. Morfologia. Processos não-concatenativos.

KEYWORDS

Combining Forms. Morphology. Non concatenative Morphology. Word Formation.

Palavras iniciais

A motivação para este estudo resulta de duas diferentes frentes de trabalho que desenvolvemos sobre a morfologia do português brasileiro. A primeira é a descrição dos chamados processos não-concatenativos de formação de palavras, como o cruzamento vocabular e o truncamento¹, analisados em diferentes abordagens teóricas sobre a interface morfologia-fonologia, sobretudo a Morfologia Prosódica (GONÇALVES, 2005a; GONÇALVES, 2006a) e a Teoria da Otimalidade (GONÇALVES 2005b; GONÇALVES, 2006b; GONÇALVES, 2010). A segunda, mais recente, é a tentativa de demarcar as fronteiras entre composição e derivação, de modo a fornecer instrumental analítico adequado para a investigação dos diversos processos que transitam nos limites entre esses dois principais mecanismos de formação de palavras (GONÇALVES, 2011a, 2011b; GONÇALVES & ALMEIDA, 2011; GONÇALVES & ANDRADE, 2011). O artigo, portanto, constitui desdobramento natural de pesquisas que vimos realizando nessas duas áreas.

O principal objetivo do trabalho é o estudo dos dispositivos morfofonológicos empregados nas estratégias produtivas de formação de palavras por truncamento e cruzamento vocabular. Observamos, mais especificamente, se a noção de forma combinatória, tal como concebida, por exemplo, em WARREN (1990), BAUER (1998) e LEHRER (1998), mostra-se adequada para abordar partículas que, em função do uso, acabam se fixando numa determinada posição na estrutura das palavras, adquirindo, com isso, estatuto de morfema, a exemplo de *info-*, *choco-* e *-tone*, em construções como ‘*info-peças*’ (“peças de informática”) e ‘*chocotone*’ (“panetone de chocolate”).

Para alcançar esses objetivos, o trabalho se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, definimos *forma combinatória*, com base em WARREN

¹ Em linhas gerais, processos não-concatenativos, ao contrário dos aglutinativos, caracterizam-se pela falta de encadeamento, realizando-se através da fusão, como é o caso do cruzamento vocabular (‘crentino’ << ‘crente’ + ‘cretino’; ‘apertamento’ << ‘apartamento’ + ‘apertado’), ou da redução, a exemplo do truncamento (‘profissa’ << ‘profissional’; ‘salafrá’ << ‘salafrário’).

(1990) e LEHRER (1998); na sequência, destacamos as formas combinatórias atualmente utilizadas na formação de novas palavras em português, observando que esquema se ajusta à descrição dessas formas – se o da hiperonímia (LEHRER, 1990) ou o da co-hiponímia (WARREN, 1990); por fim, discutimos o comportamento das formas combinatórias nos processos de truncamento e cruzamento vocabular.

1. Formas combinatórias: definição e exemplificação

Em português, assim como em inglês, há palavras que parecem se situar entre a composição e a afixação. Referimo-nos a formas como ‘verborragia’, ‘frangorexia’, ‘narco-dólar’ e ‘maridoteca’², entre tantas outras. Na maioria dos casos, parte da nova formação corresponde a um elemento latino ou grego. Alguns autores têm tratado esses casos como compostos neoclássicos (RALLI, 2010; PETROPOULOU, 2009; LÜDELING, 2009). A questão que se coloca, neste artigo, é a seguinte: como analisar morfologicamente formas como rragia, rexia, narco e teca, amplamente utilizadas na formação de novas unidades lexicais no atual estágio da língua? Esses constituintes são radicais, afixos ou constituem uma categoria à parte?

Isolados, tais elementos são sempre refenciados como característicos de uma linguagem mais técnica, erudita, devendo ser tratados como formalmente aprendidos, “uma vez que não são produtos da evolução natural; têm sido recuperados das línguas clássicas, principalmente nos últimos dois séculos” (RALLI, 2010: 02). No entanto, as novas formações distanciam-se dos eruditismos mais antigos e experimentam usos até bastante populares, como comprovam os exemplos em (01), a seguir:

² Tais palavras significam, nessa ordem, “abundância de palavras inúteis, que exprimem poucas ideias”, “abstinência de frango”, “moeda proveniente do tráfico de drogas” e “lugar do *shopping* destinado ao agrupamento e/ou à recreação de maridos”.

(01)	cracolândia	burrocracia	espermoteca
	maridocídio	eco-taxa	homo-afetivo
	telessexo	tecno-macumba	bio-combustível
	ciber-avó	info-professor	petro-dólar

Sem dúvida alguma, as formações em (01) apresentam elementos morfológicos que de fato parecem afixos: além de recorrentes e com alta aplicabilidade a itens lexicais nativos, tais formativos se fixam numa posição na estrutura da palavra, podendo, por isso, ser descritos por meio de esquemas de formação (BOOIJ, 2005) bastante semelhantes aos projetados por afixos.

WARREN (1990: 115) fornece uma explicação descritiva adequada para os consituíntes que parecem afixos em inglês, mas também ostentam propriedades de lexemas. A autora discute a classificação tradicional e considera tais partículas *formas combinatórias* (do inglês *combining forms*): elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a radicais. Formas combinatórias, portanto, constituem uma classe à parte, situada entre radicais e afixos (GONÇALVES & ANDRADE, 2011).

Em relação à diferença no comportamento das formas iniciais, em contraste com as finais, WARREN (1990: 115) afirma que “formas combinatórias iniciais diferem de formas combinatórias finais porque as primeiras têm forma fonética própria, enquanto as últimas são mais amorfas”, em função da variabilidade fonológica. Em sua proposta, WARREN (1990) inclui não apenas empréstimos clássicos foneticamente adaptados, “mas também elementos não-clássicos e novos morfemas” (p. 116).

WARREN (*op. cit.*) se concentra no exame de como podem ser criados novos morfemas em inglês. Especificamente, propõe que novos constituintes morfológicos se originam do processo de truncamento, já que, segundo ela, esse mecanismo “implica no ajuste dos elementos semânticos” (p. 116). De acordo com CANTERO (2004: 207), esse ajuste

significa que certos elementos semânticos, que não são originalmente associados com qualquer sequência fônica da palavra, passam a ser conectados a uma parte específica da nova construção morfológica. WARREN (1990: 117) explica a natureza desse processo a partir da forma combinatória -(a)holic, por ela entendida como “morfema que significa “pessoa viciada em”, que é o significado que derivamos de alcoholic, embora não associemos “pessoa viciada em” com a sequência de fonemas holic em alcoholic”.

Em seu glossário de morfologia, BAUER (2004: 77) assim se manifesta em relação à estruturação interna da palavra ‘*alcoholic*’: “em termos morfológicos, esse vocábulo é dividido em alcohol e -ic. Mas essa palavra foi reanalisada como alc- e -oholic, e o novo formativo -oholic (variavelmente soletrado), em seguida, re-ocorre em palavras como *chocoholic*, *spendaholic* e *shopoholic*”³. Portanto, a forma encurtada, depreendida a partir da reanálise de uma palavra-matriz que funciona como “gatilho”, adquire novo conteúdo e leva esse significado especializado para as novas formações de que passa a ser constituinte.

De acordo com KASTOVSKY (2009: 02), a expressão *forma combinatória*, amplamente utilizada na literatura morfológica das últimas décadas do século passado, veio do *Oxford English Dictionary*. De acordo com o autor, “o termo foi adotado para nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são facilmente identificáveis com afixos”. Desse modo, é usualmente empregado para descrever elementos morfológicos de natureza variada:

a) radicais gregos e latinos que se fixaram numa borda específica da palavra, comportando-se, por isso mesmo, como prefixos (p. ex., tele-, em ‘telepizza’, ‘telenovela’ e ‘televentas’) ou como sufixos (p. ex., cracia, em ‘burrocracia’ e ‘dilmocracia’);

³ Em inglês, a forma -holic designa algo parecido com nosso -latra (‘chocolatra’, ‘filmólatra’): “viciado em X”. Desse modo, ‘chocoholic’, ‘shopoholic’ e ‘spendaholic’ fazem referência, nessa ordem, a alguém viciado em “chocolate”, “shopping” e “gastar dinheiro”.

b) elementos neoclássicos encontrados em diferentes posições na estrutura da palavra, como ‘antropo’ (‘filantropia’; ‘antropófago’) e ‘fone’ (‘telefone’; ‘fonologia’), denominados de confixos por Martinet (1979), em função da oscilação posicional;

c) porções fonológicas oriundas de truncamento (*clipping*), aqui entendido como processo de redução (morfologia subtrativa) em que uma parte não-morfêmica passa a valer pelo todo, a exemplo de expo- (‘expo-noivas’, ‘expo-bebê’, ‘expo-filhotes’), truncamento de ‘exposição’; e

d) itens morfológicos resultantes de cruzamentos vocabulares, a exemplo de -drasta (‘mãedrastra’, ‘sogradrastra’ << ‘madrasta’) e -trocínio (‘tíotrocínio’, ‘avôtrocinio’ << ‘patrocínio’).

Pelo apanhado de exemplos, uma questão imediatamente se coloca: não é apenas o truncamento o processo que leva à criação de formas combinatórias, como sugere WARREN (1990). Tanto em inglês como em português, outro processo não-concatenativo desencadeia, com frequência, o uso das chamadas formas combinatórias nativas (não-clássicas): o cruzamento vocabular. De fato, o *blend* lexical ‘mãedrastra’, por exemplo, engatilha a formação em série, por dar estatuto morfológico tanto à sequência inicial, agora reanalisada, quanto ao material remanescente, -drasta, que passa a funcionar como “sufixo”, ou seja, uma forma combinatória final.

Do mesmo modo que WARREN (1990), também LEHRER (1998) utiliza a rubrica genérica *forma combinatória* para descrever tanto os radicais neoclássicos quanto as formas nativas resultantes de processos não-concatenativos de formação de palavras. Para a autora, a situação dos compostos neoclássicos é semelhante à das formações com partes de palavras, já que regularmente aparecem não apenas em combinações entre si, mas também com formas nativas livres. Como se vê nos exemplos em (02), a seguir, duas formas combinatórias são concatenadas. Em (03), ao contrário, uma forma combinatória é vinculada a uma palavra:

(02)	biblioteca	ludoteca	pinacoteca	hagioteca
	biologia	biografia	biópsia	biônico
	macarronese	chocotone	pagonejo	caipilé
(03)	brinquedoteca	maridoteca	esmaltoteca	linguateca
	biocombustível	biodegradável	bioenergético	biotipo
	ovonese	frangotone	quintaneja	caipifruta

GIANNOULOPOULOU (2000) relata que, em grego moderno, vários radicais eruditos vêm perdendo o estatuto de lexema e progressivamente assumindo comportamento de afixos. Sua análise baseia-se na abordagem de WARREN (1990) para o inglês. De acordo com esses autores, mostra-nos GONÇALVES (2011: 13), “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua”. WARREN (*op. cit.*), como ressaltamos mais acima, incorpora, na mesma análise, tanto as formas clássicas de combinação, como eco- e bio-, quanto as não-clássicas, como -gate (‘Bushgate’, ‘Monicagate’ << ‘Watergate’) e thon (‘bikethon’, ‘musicthon’ << ‘marathon’)⁴.

2. Formas combinatórias em português: tipos e funções

Em português, as formas combinatórias podem ser reunidas em dois grandes grupos de constituintes morfológicos: (a) elementos clássicos (radicais gregos e latinos) semanticamente modificados e (b) partículas não-morfêmicas resultantes de operações não-concatenativas (truncamento e cruzamento vocabular). No primeiro grupo, portanto, porções morfêmicas adquirem novos usos e participam de um processo

⁴ A sequência -gate, proveniente da reanálise de ‘Watergate’ (“prédio comercial em que ocorreu um incidente envolvendo o então presidente Richard Nixon”), remete a “escândalo”, como em ‘Monicagate’ (“escândalo envolvendo Bill Clinton e a estagiária Mônica Lewinsky”). Por sua vez, thon, de ‘marathon’, faz referência a qualquer evento de duração prolongada, como ‘bikethon’ (“maratona de bicicleta”) e ‘musicthon’ (“maratona de música”).

conhecido como recomposição; no segundo, partes de palavras se combinam com outras formas (encurtadas ou não) e ganham estatuto de morfema por meio da frequência de uso.

Os exemplos em (04), a seguir, estruturam-se a partir de elementos morfológicos advindos de palavras importadas diretamente do latim e do grego que aparecem em um número relativamente grande de neologismos utilizados na terminologia técnica e científica, onde são abundantes:

- (04) *eco-renovação, homo-afetivo, tele-pizza, aero-modelismo, auto-peças, tecno-macumba, agro-negócio, moto-escola, petro-dólar.*

Como se vê em (04), os elementos neoclássicos veiculam significado diferente do etimológico. Por exemplo, ‘auto-peças’ nomeia um “estabelecimento comercial que vende peças para carros”, ‘tele-pizza’, uma “pizza encomendada por telefone” e “petro-dólar”, o “dólar proveniente de um país exportador de petróleo, empregado por intermédio do sistema bancário internacional”. Para alguns autores, entre eles CUNHA & CINTRA (1985), MONTEIRO (1987) e OLIVEIRA & GONÇALVES (2011), as construções em (04) exemplificam o fenômeno da recomposição, pois o constituinte à esquerda, “numa relação de metonímia formal, adquire o significado do composto original e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras” (GONÇALVES, 2011b: 16). É nesse sentido que WARREN (1990: 116) se refere ao “ajuste dos elementos semânticos”.

As construções a seguir, extraídas de GONÇALVES & ANDRADE (2011), estruturam-se por meio de pedaços de palavras combinados com outros pedaços de palavras (05) ou com palavras inteiras (06):

- (05) *sogradrasta, mãetrocínio, whiskylé, franbúrguer, sorvetone, secretaranha, ovonese, sextaneja.*

(06) info-excluídos, euro-copa, choco-mania.

As partículas utilizadas em (05) provêm de fenômenos de fusão vocabular. Por exemplo, a sequência -nese, que não corresponde a nenhum constituinte morfológico em ‘maionese’, foi isolada a partir do cruzamento vocabular ‘macarronese’ (“maionese de macarrão”), que favoreceu a criação de palavras em série por meio da substituição, à esquerda, do ingrediente contido na salada feita com maionese: ‘ovonese’ (“salada de maionese com ovo”), ‘camaronese’ (“salada de maionese com camarão”), ‘bacalhonese’ (“salada de maionese com bacalhau”). Já em (06), tem-se formas recorrentes oriundas de *clippings* que não necessariamente incidem em elementos morfêmicos. De fato, info-, euro- e choco- não têm estatuto morfológico nas formas que lhes deram origem: ‘informática’/‘informação’, ‘Europa’/‘européu’ e ‘chocolate’.

Nos quadros a seguir, listamos formas combinatórias encontradas em português, distinguindo, como fazem WARREN (1990), LEHRER (1998) e CANTERO (2004), entre outros, as formas combinatórias iniciais (07) das finais (08). A lista, sem dúvida alguma, não é exaustiva; arrolamos apenas as mais usuais:

(07)

forma inicial	exemplos de combinação	palavra-modelo	significado
aero-	aero-lula; aero-modelismo	aeronave	avião
agro-	agro-negócio; agro-comércio	agronomia	agrícola
auto-	auto-peças; auto-escola	automóvel	carro
bio-	bio-combustível; bio-diesel	biologia; biológico	biologia; biológico

continua

continuação

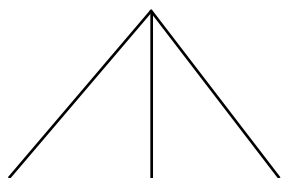
caipi-	caipifruta; caipiwodka	caipirinha	caipirinha
choco-	chocotone; chocomania	chocolate	chocolate
ciber-	ciber-café; ciber-avó	cibernética	moderno, eletrônico
eco-	eco-taxa; eco-via	ecologia; ecológico	ecologia; ecológico
euro-	euro-dólar; euro-túnel	Europa, europeu	Europa; europeu
expo-	expo-gestante; expo-filhote	exposição	mostra, exibição
foto-	foto-montagem; foto-estúdio	fotografia	fotografia
info-	info-peças; info-professor	informática; informação	informática; informação
fran-	frambúguer; franfilé	frango	frango
homo-	homo-afetivo; homofóbico	homossexual	gay
moto-	moto-escola; moto-ladrão	motocicleta	motocicleta
nano-	nano-tecnologia; nano-indústria	nanos (grego)	extremamente pequeno
narco-	narco-tráfico; narco-crime	narcótico	droga
petro-	petro-química; petro-dólar	petróleo	petróleo
tecno-	tecno-funk; tecno-macumba	tecnologia; tecnológico	digital
tele-	tele-pizza; tele-sexo	telefone; televisão	à distância

(08)

forma final	exemplos de combinação	palavra-modelo	significado
-cracia	burrocracia; dilmocracia	burocracia	burocracia
-cida	maridicida; amanticida	homicida; suicida	assassino
-drasta	sogradrasta; paidrasto	madrasta	parente por empréstimo
-élico	psicogélico; ciberdéllico	psicodélico	exótico
-escente	envelhescente; adultescente	adolescente	adolescente nas atitudes
-lândia	cracolândia; macacolândia	disneylândia	lugar em que se concentra
-lé	sacolé; sucolé; wiskylé	picolé	picolé de
-nauta	internauta; cosmonauta	astronauta	que navega por
-nejo	pagonejo; quintaneja	sertanejo	sertanejo
-nese	macarronese; ovonese	maionese	salada de maionese com
-ranha	secretaranha; professaranha	piranha	prostituta
-rréia	pentelhorréia; piolhorréia	seborréia	infestação de
-rragia	verborragia; cabelorragia	hemorragia	queda/descarga profunda de
-rexia	ortorexia; frangorexia	anorexia	falta de alimentação por
-teca	maridoteca; esmateca	biblioteca	lugar em que se reúnem
-tone	sorvetone; chocotone	panetone	panetone de
-trocínio	tiotrocínio; autotrocínio	patrocínio	financiamento por

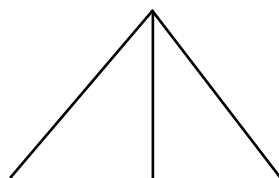
Em sua análise, WARREN (1990) propõe que a relação entre os diversos vocábulos com formas combinatórias e as palavras-matrizes – aqui entendidas como os itens lexicais que detonam a formação em série – é de co-hiponímia. Dito de outra maneira, os neologismos criados são co-hopônimos da palavra-matriz, como ilustra a representação a seguir para as previsões de WARREN (1990) sobre o resultado da estrutura semântica, quando neologismos com formas combinatórias são criados em inglês:

(09) “escândalo político”



Watergate Monicagate Irangate

“viciado em”

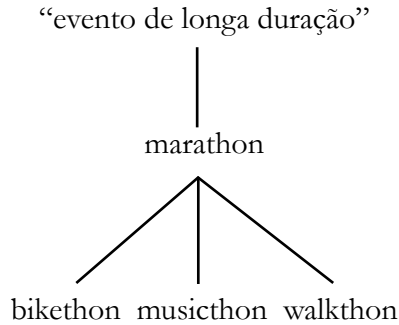


alcoholic chocoholic workaholic

Como se vê em (09), WARREN (1990) põe no mesmo nível as palavras-matrizes e as que se formam por analogia, considerando que todas evocam o significado genérico especificado entre aspas. Desse modo, ‘chocoholic’ e ‘Monicagate’, por exemplo, não seriam interpretados, nessa ordem, como “alcoólatra de chocolate” e “Watergate de Monica Lewinsky”, mas como “viciado em chocolate” e “escândalo político envolvendo Monica Lewinsky”.

LEHRER (1998) apresenta uma visão diferente sobre o comportamento semântico das novas construções lexicais feitas com formas combinatórias (iniciais ou finais). Para ela, a relação existente é de hiperonímia, uma vez que os neologismos de algum modo ainda evocam as palavras-matrizes de onde se originaram. Com base nas construções X-thon do inglês, a autora mostra que o esquema abaixo é mais adequado à descrição de formas como ‘musicthon’ e ‘bikethon’, que, segundo ela, ainda são interpretadas a partir de ‘marathon’:

(10)



No nosso entendimento, o esquema em (10) se mostra mais adequado ao exame das construções morfológicas resultantes do emprego de formas combinatórias em português. A análise em (09), por sua vez, parece mais consistente para casos prototípicos de sufixação. De fato, os constituintes neoclássicos reanalisados (homo-, petro-) e os provenientes de encurtamentos (choco-, afro-) e fusões lexicais (drasta, trocínio) aparecem em novas formações remetendo ao significado das palavras-matrizes de onde se desprenderam. Observe-se, nos exemplos a seguir, em (B) e (C), que o significado da nova forma evoca o da construção de origem. Nas palavras em (A), casos de sufixação (GONÇALVES, 2011b), isso não necessariamente acontece:

(11)

	A	
	olhômetro, impostômetro	
	bodódromo, fumódromo	
	sapatólatra, chocólatra	
B		C
chocolícia, chocomania		mãetrocínio, tiotrocínio
eurocopa, euroturismo		sorvetone, iogurtone
petro-química, ecotaxa		sacolé, sucolé

Com a pequena amostra em (11), percebe-se que formas resultantes de truncamentos (B) e cruzamentos vocabulares (C) são interpretadas sempre considerando uma forma plena. Por exemplo, ‘eurocopa’ é a “copa da Europa”, ‘chocomania’, a “mania de chocolate” e ‘sorvetone’ e ‘tiotrocínio’, nessa ordem, “panetone de sorvete” e “patrocínio pelo tio”. Nas formas em (A), ao contrário, os elementos à direita apresentam significado mais genérico, caracterizando algum tipo de medida (as com metro), um local (as terminadas em -dromo) e um viciado (as finalizadas em -latra).

Pode-se afirmar, portanto, que os elementos morfológicos em B e C apresentam maior grau de dependência das formas plenas de onde resultaram, atualizando significados mais lexicais que os encontrados nas formas em A, cuja interpretação do produto independe da vinculação a palavra-matriz específica. Temos, desse modo, B e C mais ajustadas ao esquema de LEHRER (1998) e A, ao de WARREN (1990).

De fato, a interpretação de ‘sapatólatra’ (“adorador(a) de sapatos”) não necessariamente remete a ‘idólatra’ ou a ‘alcoólatra’. Do mesmo modo, ‘impostômetro’ (“letreiro luminoso que indica a importância paga em impostos”) não depende de palavra específica em -metro para ser interpretada. Diferente acontece com as chamadas formas combinatórias, que, ao que tudo indica, ainda mantêm forte conexão com suas formas de base e, por isso mesmo, são interpretados a partir delas: por exemplo, ‘sacolé’ é um “picolé em saco”, ‘homo-agressor’, “aquele(a) que agride homossexuais” e ‘caipivodka’, uma “caipirinha feita com vodka”.

Acreditamos, no entanto, que os esquemas em (09) e (10) diferem em termos de estágios de gramaticalização. Talvez as novas formações sejam mais bem acolhidas por (10) e, à medida que o esquema de formação de palavras vai se fixando na língua, tem-se (09) como resultado. Desse modo, (09) pode ser entendido como o estágio final do processo. Na próxima seção, discutimos o papel dos processos não-concatenativos na criação de formas combinatórias.

3. Truncamento e cruzamento vocabular: emergência de formas combinatórias

Na literatura morfológica, há um debate se processos não-morfêmicos⁵ fazem parte da formação de palavras. ŠTEKAUER (1998: 1), por exemplo, observa que

linguistas diferem em suas opiniões quanto a decidir se questões relativas à formação de palavras devem restringir-se à afixação, deslocando a composição para a sintaxe, e se processos como a derivação regressiva, a conversão, o cruzamento vocabular, o truncamento etc. devem ser incluídos na teoria de formação de palavras, e, se assim o for, qual é o seu *status* em relação aos principais processos de formação de palavras.

HASPELMATH (2002: 2) também exclui os processos não-morfêmicos, como o cruzamento vocabular e o truncamento, da esfera da formação de palavras, uma vez que, para ele, a morfologia é “o estudo da co-variação sistemática entre a forma e o significado das palavras” ou “o estudo da combinação de morfemas para produzir palavras”, entendendo morfema como “o menor constituinte significativo que pode ser identificado em uma palavra” (HASPELMATH, 2002: 3). FANDRYCH (2008: 108), por sua vez, observa que as palavras

são espelhos de suas épocas. Ao olhar para as áreas em que o vocabulário de uma língua está se expandindo em um determinado período, podemos deduzir precisamente a preocupação de primeira ordem da sociedade naquele

⁵ De acordo com FANDRYCH (2008: 107), certos processos de formação de palavras não são baseados em morfemas e não têm estrutura modificador / núcleo. Tais processos, chamados de não-morfêmicos, envolvem a formação de acrônimos, *blends* e *clippings*, entre outros tipos de formas linguísticas.

momento e os pontos para os quais os limites do esforço humano estão avançando.

Como FANDRYCH (2008), acreditamos que tanto o cruzamento vocabular quanto o truncamento devem ser tratados no âmbito da formação de palavras pelo simples fato de, apesar de não-morfêmicos, estarem na base da criação de novos morfemas. Esse é um argumento forte para abordar tais processos no âmbito da formação de palavras, já que, além de projetar sequências fônicas à condição de formas combinatórias, podem (a) justificar inúmeros relacionamentos morfológicos entre palavras cujo isolamento do afixo é duvidoso, por aparecer numa única palavra, a exemplo de ‘casebre’, e (b) explicar a origem de diversos afixos hoje produtivos, como -ete⁶.

Neste artigo, focalizamos a projeção de sequências não-morfêmicas à condição de formas combinatórias, deixando as duas outras questões para trabalhos futuros. Para descrever o papel de cruzamentos e truncamentos na criação de formas combinatórias, consideremos a palavra ‘paitrocínio’, utilizada na seguinte manchete publicada no *site* Terra, em 08/10/2011, sobre uma atleta brasileira que participou dos jogos Pan-Americanos de Guadalajara:

(12)

Com “paitrocínio”, atleta é incentivada e vive só de tênis de mesa. // Para permanecer vivendo só do esporte, a mesatenista tem que contar com a ajuda financeira do pai: “claro que sem o ‘paitrocínio’ não conseguiria estar

⁶ Acreditamos que a substituição sublexical, nos termos de GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA (2010), esteja na base da criação de inúmeros afixos do português. Um caso possível é o do sufixo -ete. A palavra ‘chacrete’, amplamente utilizada na década de 1970, designando “a dançarina do programa do Chacrinha”, pode ter sido criada por analogia a ‘vedete’, forma morfológicamente simples, em que a terminação em questão não constitui sufixo. A criação de palavras em série parece ter projetado ete à condição de sufixo, designando, hoje, não apenas a dançarina de X (em que X representa um nome próprio), mas também a tiete de X, a exemplo de ‘malufete’ e ‘lulete’.

hoje disputando uma edição dos Jogos Pan-Americanos”.
(<http://esportes.terra.com.br/rumo-a-2012/pan-2011>)

É bem provável que o criador da nova palavra, já bastante consagrada pelo uso, tenha substituído a sílaba ‘pa’ pela palavra ‘pai’, em função da grande semelhança fônica entre as duas formas. Com isso, o restante da construção morfológica original, a sequência *trocínio*, acabou sendo tomada por um formativo com o significado de “financiamento, subvencionamento”. Desse modo, o falante que cunhou a palavra ‘*paitrocínio*’ não tomou ‘pa’ como morfema, mas o transformou em um, pelo mecanismo da substituição sublexical (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010). Consequentemente, a troca de parte de uma palavra por outra, mantendo o restante inalterado, cria condições eficazes para (a) desencadear novas associações e, com isso, (b) formar séries de palavras com igual significado.

Ao que tudo indica, as palavras em (13), a seguir, originaram-se do cruzamento vocabular ‘*paitrocínio*’. Por analogia, é possível especificar qualquer agente financiador do patrocínio pela substituição da sequência à esquerda, o que leva *-trocínio* a funcionar como forma combinatória final e a participar de um esquema de formação de palavras como (14), a seguir⁷:

- (13) *tiotrocínio*
 mãetrocínio
 avôtrocinio
 irmãotrocínio
 autotrocínio

⁷ A notação aqui utilizada é, em essência, a proposta por BOOIJ (2010). SEM representa o significado do constituinte relevante. A seta dupla expressa que há correspondências entre (partes de) a representação formal e a semântica, expressa pela co-indexação (as letras *i* e *p*, subscritas). A representação à esquerda da seta dupla é a especificação formal dos substantivos (S) terminados em *trocínio*. A representação à direita é do polo significado, sempre representado entre chaves e em maiúsculas.

$$(14) [S_i - \text{trocínio}]S_j \leftrightarrow \{\text{SUBVENCIONAMENTO POR SEM}_i\}S_j$$

Por esse exemplo, duas questões imediatamente se colocam. Em primeiro lugar, a recorrência de -trocínio e a utilização de formas transparentes na primeira posição (nesse caso, a de radical) cria condições ótimas para o isolamento das partes, o que atua em consonância com os princípios 1, 2 e 5, propostos por NIDA (1949: 45) para a identificação de morfemas e explicitados em (15), abaixo. Observe-se que o princípio 5 faz referência explícita à questão da descontinuidade morfológica:

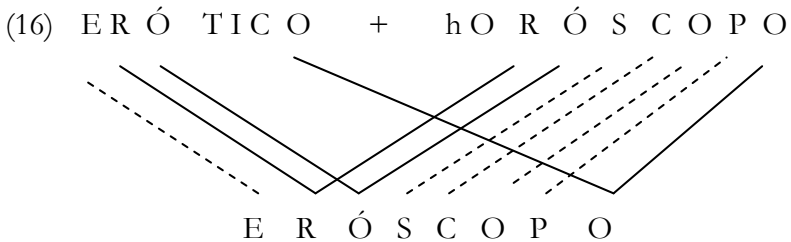
(15) Princípio 1 – “as divisões devem moldar-se às relações significativas”;

Princípio 2 – “as divisões são feitas na base da substituição de unidades”;

Princípio 5: “entre uma divisão em constituintes imediatos contínuos e outra em constituintes imediatos descontínuos, a preferência deve ser dada à primeira análise”.

Em segundo lugar, apesar de sua relevância para processos de encadeamento envolvendo formas combinatórias, o truncamento e o cruzamento vocabular nem sempre licenciam a emergência dessas novas unidades de análise morfológica. Se, por um lado, formas combinatórias podem originar-se de cruzamentos vocabulares, como é o caso de -trocínio, por outro, nem todos os casos de *blend* devem ser analisados como resultantes da concatenação de formas combinatórias. Tomemos, como exemplo, a palavra ‘eróscopo’, *site da internet* dedicado a previsões zodiacais relativas a sexo. Sem dúvida alguma, a nova forma pode ser analisada como a combinação da sequência inicial de ‘erótico’ com a sequência final de ‘horóscopo’, significando algo como “coluna informativa projetada com a intenção de oferecer ao leitor um horóscopo

baseado em questões de sexualidade”. Apesar disso, as duas porções não recorrem e, por isso, não podem ser consideradas formas combinatórias, pelo menos na acepção aqui empregada. No nosso entendimento, tem-se, em ‘eróscopo’, caso claro de entranhamento lexical (GONÇALVES, 2006a), já que as bases, além de proparoخítonas, apresentam material fonológico compartilhado, como se vê na representação a seguir, na qual linhas sólidas indicam elementos ambimorfêmicos⁸:



Há, portanto, uma grande diferença entre as formas ‘eróscopo’ e ‘paitrocínio’, apesar de as duas terem origem em fenômenos de fusão vocabular: a primeira é uma formação única, isolada, enquanto a última cria um padrão e, com isso, passa de não-concatenativa a aglutinativa. Com efeito, os limites entre o concatenativo e não-concatenativo são tênues, ao contrário do que preconiza grande parte da literatura (HASPELMATH, 2002; SCALISE, 1984; SPENCER, 1990), já que formas outrora caracterizadas pelo entranhamento de duas bases podem, com a fixação de um padrão, adquirir condições ótimas para a isolabilidade das partes.

⁸Termo cunhado por PIÑEROS (2000) e aplicado à morfologia do português por GONÇALVES (2006b). Refere-se ao compartilhamento de unidades fonológicas (sons, sílabas, sequências) comuns a mais de um morfema, em decorrência da interposição de palavras-matrizes.

Palavras finais

Neste artigo, focalizamos dois importantes aspectos da morfologia do português: (a) a apreensão das unidades de análise e (b) a relevância dos processos não-concatenativos na formação de novas palavras. Mostramos que esses mecanismos, cujo estatuto morfológico por vezes é questionado (HALPELMATH, 2002; ŠTEKAUER, 1998), constituem fonte para a criação de inúmeros elementos com alguma recorrência no atual estágio da língua – as chamadas formas combinatórias (WARREN, 1990; LEHRER, 1998; BAUER, 1998).

Com base em novas formações do português, diferenciamos as formas clássicas de combinação, como eco-, rragia e bio-, das não-clássicas, como tone, caipi e trocínio, distribuindo-as em dois grandes grupos: iniciais e finais. Ao longo do texto, procuramos mostrar que não é apenas o truncamento o processo que leva à criação de formas combinatórias, como sugere WARREN (1990). Pelo menos em português, o processo não-concatenativo que parece desencadear, com mais frequência, o uso das chamadas formas combinatórias nativas (não-clássicas) é o cruzamento vocabular.

Referências

BAUER, L. **Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive?** *Linguistics* 36/3, 1998. p. 403-422.

BAUER, L. **A Glossary of Morphology**. Washington, DC. Georgetown Univ. Press, 2004.

BOOIJ, G. **Compounding and Derivation**. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

BOOIJ, Geert. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CANTERO, M. **Formas combinantes**: un estudio sobre los procesos morfológicos de truncamiento en español. *Filología y Lingüística*, Madrid, XXX (2): 205-214, 2004.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FANDRYCH, I. **Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings**. In *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.

GIANNOULOPOULOU, G. **Morphosemantic Comparison of Affixes and Confixes in Modern Greek and Italian**. PhD Diss, Aristotle University of Thessaloniki, 2000.

GONÇALVES, C. A. **Composição e Derivação**: Polos Prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, 5, 2011a.

GONÇALVES, C. A. **Compostos Neoclássicos**: Estrutura e Formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 9 (especial): 5-37, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V. **Construções truncadas no português do Brasil**: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, G. & BATTISTI, E. (orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011. p. 293-327.

GONÇALVES, C. A. V. **Usos morfológicos**: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá (UFF)*, v. 21, p. 219-242, 2006a.

GONÇALVES, C. A. V. **A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares em português:** uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 169-184, 2006b.

GONÇALVES, C. A. V. **Blends lexicais em português:** não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2005a.

GONÇALVES, C. A. V. **Relações de identidade em modelos paralelistas:** morfologia e fonologia. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 75-119, 2005b.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. **Por uma Ciber morfologia:** Abordagem Morfossemântica dos Xen constituuintes em Português. In: MOLLICA, M. C. & GONZALEZ, M. (orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, 2011. p. 105-127.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. **Se a macumba é para o bem, então é boacumba:** análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010.

GONÇALVES, C. A. & ANDRADE, K. E. **O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português.** Inédito, 2011.

HASPELMATH, M. **Understanding Morphology.** Oxford: Oxford University Press (Arnold Publications), 2002.

KASTOVSKY, D. **Astronaut, astrology, astrophysics**: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 1-13.

LEHRER, A. **Scapes, holics and thons**: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), 1998. p. 3-28.

LÜDELING, A. **Neoclassical word-formation**. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Fortaleza: EdUFC, 1987.

NIDA, Eugene A. **Morphology the descriptive analysis of words**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. **O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro**: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. **Patras Working Papers in Linguistics**. Atenas, v. 1, p. 40-58. 2009.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

RALLI, A. **Compounding versus derivation**. In: Scalise, S.& Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

SCALISE, S. **Generative Morphology**. Foris: Dordrecht, 1984.

SPENCER, A. **Morphological theory**. Cambridge: Blackwell, 1990.

ŠTEKAUER, P. **An Onomasiological Theory of English Word-Formation**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1998.

WARREN, B. (1990). **The Importance of Combining Forms**. In W. Dressler *et al.* (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.